



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DIFERENÇAS CULTURAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES¹

Autor (1) **Vanilda Alves da Silva²**

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)/Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

vanilda.ufms.pp@gmail.com

Resumo do artigo: Este trabalho é fruto das reflexões iniciais da tese intitulada Trabalho e Bem-estar de professores de Matemática em escolas indígenas e tem por objetivo analisar as possibilidades de construção de bem-estar docente desses professores. A sociedade atual compõe-se de diferentes indivíduos e culturas que, entretanto, tendem a ser tratados com igualdade e homogeneidade, nos diversos segmentos. Desse modo, diferentes grupos buscam seus direitos, especialmente nas questões referentes a lutas por justiça. Nessa busca, alguns aspectos se apresentam como fundamentais, como a redistribuição das desigualdades e democratização de oportunidades, o reconhecimento de diferentes grupos culturais, dentre outros. Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns desafios e possibilidades com relação às diferenças culturais. Essa é também uma preocupação de pesquisadores que têm buscado identificar alguns dos desafios necessários para promover uma educação intercultural que respeite e promova direitos humanos e articule questões que dizem respeito à igualdade e à diferença. Há que se destacar que as relações entre as culturas são desarmônicas, pois são conflitantes, nesse sentido torna-se relevante que discussões e diálogos promovam interação entre as pessoas, e para que isso seja possível é importante que as interações sociais sejam intensificadas no sentido de reconhecer a legitimidade dos diferentes grupos sociais. O desafio é que diante de padrões culturais e frente à diversidade, faz-se necessário que pessoas e grupos de culturas diferentes relacionem-se entre si para o desenvolvimento e evolução da cultura e compreensão do significado que o indivíduo atribui aos seus atos.

Palavras-chave: Diferenças Culturais, Identidade, Igualdades e Diferenças, Desafios e Possibilidades.

¹ Reflexões iniciais da Tese intitulada “Trabalho e Bem-estar de professores de Matemática em escolas indígenas”- Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco.

² Doutoranda em Educação pela UCDB, Linha de Pesquisa 2: Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente. Bolsista CAPES. Docente da UFMS – Câmpus de Ponta Porã – CPPP.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

Este trabalho surge a partir das primeiras reflexões para construção da tese que tem como título Trabalho e Bem-estar de professores de Matemática em escolas indígenas e visa analisar as possibilidades de construção do bem-estar docente da disciplina de matemática. Com base em uma pesquisa bibliográfica, esse texto tem por objetivo apresentar alguns desafios e possibilidades referentes às diferenças culturais na educação.

Esses estudos tornam-se relevantes tendo em vista que relaciona-se ao fato de aproximação com o objeto da tese de doutorado.

Essas discussões giraram em torno de textos referentes ao conhecimento científico e, também, sobre alguns métodos existentes nas pesquisas educacionais, tendo em vista que o doutorando aprofunde seu conhecimento nas diversas correntes filosóficas e epistemológicas que norteiam um processo investigativo, principalmente em relação à questão da metodologia que poderá ser adotada nas pesquisas, mais especificamente a escolha do método que poderá ser adotado no desenvolvimento da tese de conclusão do curso do doutorado.

Este trabalho está assim organizado: uma introdução, metodologia, resultados e discussão, conclusão e as referências bibliográficas. A sessão do desenvolvimento contém duas sessões: a primeira é destinada às Relações Interculturais: reflexões iniciais; a segunda apresenta algumas considerações acerca de igualdades e diferenças.

Metodologia

Para a realização deste trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica, com a intenção de buscar respostas e informações para o aprofundamento do estudo e produção do conhecimento da cultura matemática indígena, e sua relevância no sentido de utilização da matemática em atividades do dia a dia no contexto desse povo.

A utilização desse procedimento metodológico se justifica, pois para Gil (1994) a pesquisa bibliográfica permite uma maior abrangência de informações, no sentido de possibilitar a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, tendo em vista que as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

leituras, discussões e reflexões contribuem na apropriação de conhecimentos que subsidiarão na construção da tese, e na melhor definição conceitual de maneira que envolve o objeto de estudo proposto.

Resultados e Discussão

Esta sessão será apresentada em duas partes, a primeira trata-se de reflexões iniciais referente Relações Interculturais e a segunda algumas considerações acerca de igualdades e diferenças.

Relações interculturais: reflexões iniciais

As relações culturais permeiam diferentes espaços e perpassam alguns questionamentos relativos às “diferenças” e aos “outros”, levando à discussão e à reflexão sobre a cultura, mas voltada às transformações, aos processos de interação e de diálogo.

Nesse sentido é que se considera interessante ressaltar que os conceitos atribuídos à cultura são inúmeros, conforme se pode constatar na afirmação de Fleuri (2002, p.7)

Cultura é um termo que mesmo tomando no singular indica um conceito plural. Há muitas possíveis concepções de cultura. Dois antropólogos estadunidenses, Arthur Kroeber e Clyde Kluckohn fizeram, em 1952, um levantamento de definições propostas por estudiosos e chegaram a contar 164 enunciações. Daí a dificuldade de definir cultura de modo unívoco.

Diante dessa complexidade, parte-se do entendimento de Geertz (1989), trazido por Fleuri: “O autor entende a cultura como a totalidade acumulada de padrões culturais, ou seja, de ‘sistemas organizados de símbolos significantes’, e com base nos quais os seres humanos identificam as finalidades de suas ações.” (FLEURI, 2002, p.8).

O ser humano tem a capacidade nata de responder e agir, por meio de determinados comportamentos, para a realização de ações do cotidiano; no entanto, com o intuito de conseguir tais informações para obtenção dessas respostas e ações, faz-se necessário utilizar-se de fontes culturais, ou seja, de símbolos significantes.



Conforme é possível verificar em Hall (2003, p. 136), “A cultura é um modo de vida global”, ou seja, é a maneira ou costume de ser, de pensar e de agir, a partir da relação entre os indivíduos das diferentes representações dos grupos culturais.

De acordo com Barth (2000, p.111) “cultura são representações coletivas: a linguagem, as categorias, os símbolos, os rituais e as instituições que sustentam o modo como agem e como reagem”. E é nesse sentido que se entende que ter cultura é identificar-se com determinadas características representadas por grupos distintos e que o indivíduo convive e se relaciona, logo, percebe-se que cultura se constrói socialmente.

Com relação aos símbolos e significados Fleuri (2002, p. 9) aponta que,

Do ponto de vista do indivíduo, esses símbolos são dados. Ele os encontra já em uso na comunidade em que vive. Utiliza-os deliberada ou espontaneamente para se orientar na construção dos conhecimentos através dos quais ele vive. Sobretudo, deles depende para se orientar. Sem a referência a padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o ser humano seria incapaz de governar seu comportamento e sua experiência não apresentaria qualquer forma. A cultura – a totalidade acumulada de tais padrões – é, pois, uma condição essencial à existência humana e sua principal base de concretização específica.

Nessa perspectiva o mesmo autor (2002, p.9) finaliza suas ideias “Assim, verificamos, de um lado, que todos os grupos humanos desenvolvem padrões culturais que tornam possível sua existência. De outro lado, defrontamo-nos com uma enorme diversidade de padrões culturais existentes na humanidade”.

Diante de padrões culturais e de sua diversidade, as pessoas e grupos de culturas diferentes tem dificuldades de estabelecer um relacionamento que diferentes grupos atribuem para compreender o significado de suas ações, conforme legitima, Fleuri (2002) as relações com o outro é desafiador e estranho, no sentido de compreensão de comportamento do outro, pois os padrões culturais que determinam os significados possuem lógicas diferentes.

Nesse sentido é que alguém, ao refletir sobre as ações numa perspectiva de outros padrões culturais, pode deparar-se com outros significados que as próprias ações possam adquirir e, dessa forma, encontre outras maneiras para orientá-las.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fleuri (2002, p. 10) corrobora que a “A relação entre culturas é, assim, a condição para o desenvolvimento de cada cultura”. Frente a essas considerações, o autor chama a atenção para a importância da educação para a cultura, “[...] a educação é essencial, como processo de aprendizagem da própria cultura. Sem apropriar-se de padrões culturais vigentes em seu contexto, o indivíduo seria virtualmente incapaz de se orientar e mesmo de sobreviver em sociedade”. (FLEURI, 2002, p. 11).

Logo, esse aprendizado torna-se condição importante para que se desenvolva a compreensão de significados na direção de orientação e sobrevivência.

Freire (1975, p. 79) compartilha da mesma ideia, “E os seres humanos se educam em relação, mediatizados pelo mundo”, tendo a própria cultura como mediação.

Essas relações mostram que a interação e a mediação com outras culturas aparecem como importantes para desenvolvimento e construções da própria cultura. Dessa forma, pode-se parafrasear Paulo Freire no sentido de que *as culturas se educam em relação, mediadas pelas pessoas*.

Ao longo da história é possível constatar que, de um lado, essas relações nem sempre foram favoráveis, porém, de outro lado elas têm contribuído para o desenvolvimento dos diferentes grupos culturais, em seus diversos contextos. Fleuri (2002, p.11) garante que historicamente as relações são complexas e em geral permeadas por conflitos, e segundo o autor para entendê-las “torna-se a condição para não só compreender as lógicas que conduzem à destruição mútua, mas, sobretudo para descobrir as possibilidades criativas e evolutivas das relações entre grupos e contextos culturais diferentes.”

As relações interculturais são consideradas complexas, ativas e costumam a se solidificar, pois, em sua maioria, quando as pessoas se relacionam, individual e coletivamente, com sujeitos de contextos diferentes põem em questão os padrões culturais próprios e dos outros. É ainda Fleuri que afirma:

[...] A formação dos padrões e os processos educativos a ela inerentes configuram-se no entrecruzamento paradoxal de muitas perspectivas que, por isso mesmo,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

constituem-se dinâmica e conflitivamente. [...] Por isso a perspectiva intercultural implica uma compreensão complexa de educação, que busca – para além das estratégias pedagógicas e mesmo das relações interpessoais imediatas – entender e promover lenta e prolongadamente a formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados que orientam a vida das pessoas. (FLEURI, 2002, p. 11).

Nesse sentido, faz-se necessário perceber a importância da educação que considere os diferentes grupos culturais e sua relevante participação nas diferentes lutas para que possam resistir aos constantes processos de opressão no mundo em que vivem.

Hall (1997, p. 3) aponta que a expansão das mudanças culturais no que diz respeito à sociedade contemporânea, e informa, ainda, que já estejam acontecendo há algum tempo, e concomitantemente. Para o autor a cultura [...] “tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais.”

Os dois aspectos apresentam-se de grande relevância, um como a expressão da vivência e outro como o reconhecimento da cultura nas relações de conhecimento na sociedade e no mundo.

O mesmo autor subdivide a “centralidade da cultura” em *a dimensão global* “que causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro – sobre a ‘cultura’ num sentido mais local” (1997, p. 3) e em *as transformações da vida local e cotidiana*, que se refere a mudanças e que estão relacionadas, de alguma forma, às situações sociais, de classe e geográfica.

Relativamente à centralidade da cultura, o autor discute ainda a *última fronteira: identidade e subjetividade*, que, segundo ele, até pouco tempo atrás eram vistos isolados,

[...] Mas a menção do seu impacto na “vida interior” lembra-nos de outra fronteira que precisa ser mencionada. Isto relaciona-se à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social. [...] Entretanto, de uma forma significativa, esta linha divisória tem sido enfraquecida e abalada pelas questões da “cultura”. Até os mais céticos têm se obrigado a reconhecer que os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tempo, estão *objetivamente* presentes no mundo contemporâneo — em nossas ações, instituições, rituais e práticas. (HALL, 1997, p. 6).

Cabe destacar que a fronteira entre *identidade e subjetividade* está se quebrando, ou seja, estão sendo consideradas quase indistintamente. Para melhor compreensão do exposto Hall (1997, p. 8) esclarece que a identidade se manifesta do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de darmos respostas a esses significados, [...] “interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos [...] – em resumo, de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos *identificarmos*.”

Logo, pode-se perceber identidade desponta por meio de diálogos, de conversações, das relações culturais que os indivíduos experimentam e, a partir delas, posicionam-se para o mundo. Nesse sentido Hall (1997, p. 8) expõe que

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.

É necessário, então, pensar as identidades sociais como estabelecidas no cerne da representação, por meio da cultura em que o sujeito está inserido e não fora dela. Conforme relata Hall (1997, p.8) “Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles).

Dando sequência ao exposto, observem-se, de acordo com o posicionamento de Hall, os aspectos que se referem à centralidade cultural e suas dimensões epistemológicas:

[...] temos nos referido à questão da “centralidade da cultura” essencialmente observando quatro dimensões: a ascensão dos novos domínios, instituições e tecnologias associadas às indústrias culturais que transformaram as esferas tradicionais da economia, indústria, sociedade e da cultura em si; a cultura vista como uma força de mudança histórica global; a transformação cultural do cotidiano; a centralidade da cultura na formação das identidades pessoais e sociais. (HALL, 1997, p. 9.).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Verifica-se que a “centralidade da cultura” empregada por Hall refere-se à forma como a cultura está presente na vida social contemporânea, e que sua importância, no que diz respeito às revoluções culturais, se apresenta a partir das mudanças e transformações das pessoas, dos modos de vidas e de suas relações em seus cotidianos.

O mesmo autor provoca, ainda, a reflexão quando indaga: “Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a ‘cultura’?”. (HALL, 1997, p.19).

Nessa perspectiva, a cultura deve ser vista como relevante, como algo que a maneira, o caráter e o cerne do processo educativo.

Igualdades e diferenças: algumas considerações

O que se constata, na atualidade, é que as mudanças ocorrem com grande rapidez e cada vez mais se tem a sensação de incapacidade para compreender adequadamente essas transformações, tampouco de acompanhá-las. Segundo a visão de Candau (2009, p. 155), intelectuais e atores sociais não as consideram mudanças rápidas, pois vão além disso, tratam-nas como mudanças expressivas, de época:

[...] não estamos simplesmente vivendo uma época de mudanças significativas e aceleradas. E sim uma mudança de época. Esta realidade provoca perplexidade e suscita uma ampla produção científica e cultural, assim como um intenso e acalorado debate. Muitas são as leituras da crise global de paradigma que estamos atravessando.

Nesse contexto, percebe-se que os interessados se envolvem e se dedicam a produzir e discutir questões referentes a essas problemáticas, por meio de estudos e pesquisas.

Conforme já comentado, vive-se, hoje, em um contexto marcado pela convivência de diferentes grupos culturais, mas que são tratados como iguais, como homogêneos, quer seja na escola, quer seja na sociedade. Assim, alguns grupos lutam pelas questões relativas à justiça. E, como já referido também, nessa busca, alguns elementos aparecem como fundamentais: a redistribuição dos bens materiais para superação das desigualdades



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

econômicas e democratização de oportunidades, além do reconhecimento de diferentes grupos culturais.

Segundo Candau (2009, p.156), “[...] a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos exclusivamente individuais e fundamentalmente civis e políticos, se amplia e, cada vez mais, se afirma a importância dos direitos coletivos, culturais e ambientais.”

Essa preocupação também é vista nos trabalhos e pesquisas realizados, nos últimos tempos, pela autora que tem buscado identificar alguns dos desafios necessários para promover uma educação intercultural, que respeite e promova direitos humanos e articule questões que dizem respeito à igualdade e à diferença. Para (CANDAU, 2009, p.157) um elemento que parece ser fundamental é a tensão presente na discussão entre igualdade e diferença, “A igualdade de todos os seres humanos, independentemente das origens raciais, da nacionalidade, das opções sexuais, enfim, a igualdade é uma chave para se entender toda luta da modernidade pelos direitos humanos.”

Ao dar continuidade aos questionamentos e debates referentes à discussão entre igualdade e diferença, a mesma autora explica que “No entanto, hoje parece que o centro de interesse se deslocou. Quando estou dizendo que houve um deslocamento, não estou querendo dizer que se nega a igualdade, mas que se coloca em evidência o tema da diferença”. (CANDAU, 2009, p.157).

Essa tensão entre diferença e igualdade é muito bem enfatizada no livro de Perucci (1999), e considerada “instigante” por Candau (2009), uma vez que a discussão gira em torno de questionamentos e dúvidas do que realmente se busca ou se quer, ou seja, os direitos às diferenças ou os direitos à igualdade.

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diferentes de fato (...), mas somos também diferentes de direito. É o chamado 'direito da diferença', o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. [...] Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros. (PERUCCI, 1999, p. 7).

O texto mostra-se estimulante, pois leva a pensar e a debater sobre igualdades e diferenças. Surgem alguns questionamentos mais, como este: não aspiramos ou aspiramos menos à igualdade?, no entanto, percebe-se que os esforços recaem no direito de sermos diferentes, no sentido de realizar propostas de idealização e perspectivas pensadas para o futuro.

Com base no texto de Perucci (1999) Candau (2009, p. 157) destaca alguns pontos sobre diferenças e igualdades que mostram os anseios e as buscas do momento, “O autor parece colocar a questão em termos alternativos: somos iguais ou somos diferentes? Sua tese é a de que até recentemente nossas lutas tinham como referência fundamental a afirmação de igualdade.” E aponta que a questão de diferença é recente e assume um papel fundamental, o do direito. Para a autora “não só no o direito dos diferentes a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença. Pessoalmente, me inclino a defender que certamente há uma mudança de ênfase e uma questão de articulação. Não se trata de afirmar um pólo e negar o outro, mas de articulá-los de tal modo que um nos remita ao outro. (CANDAUI, 2009, p.157-158).

Essas questões e apontamentos mostram que, não há muito tempo, lutava-se por igualdade, contudo, atualmente, percebe-se claramente que essa luta acentua e esta articulada com as questões relacionadas com as diferenças e a reflexão de que a perspectiva intercultural busca promover uma educação voltada a reconhecer o outro, preconizando o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais.

Conclusão

As relações interculturais são consideradas complexas, ativas e costumam a se solidificar; são as relações que nos mostram que a interação com outras culturas aparece como essencial



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para o enriquecimento da própria cultura e são favoráveis, no sentido de contribuírem nas lutas para a busca do desenvolvimento de grupos e contextos culturais diferentes.

Vive-se em um contexto de diferentes indivíduos e culturas, mas que são tratados como iguais, ou seja como homogêneos, quer seja na escola, quer seja na sociedade. Assim, diferentes grupos buscam seus direitos com relação às lutas por justiça. E diante dessa busca alguns elementos aparecem como fundamentais como, por exemplo, a redistribuição das desigualdades e democratização de oportunidades, além do reconhecimento de diferentes grupos culturais.

Essa preocupação também é vista nos trabalhos e pesquisas realizados nos últimos tempos, destacando-se, aqui, os estudos de Candau (2009, p. 168), que tem buscado identificar alguns dos desafios necessários para que se promova uma educação intercultural, que respeite e promova direitos humanos e articule questões que dizem respeito à igualdade e à diferença.

Alguns apontamentos e questionamentos sobre diferença e igualdade levam à reflexão de que a perspectiva intercultural quer promover uma educação que reconheça o outro, preconizando o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais. Além de reconhecer as diferenças culturais, os desafios dessa articulação se colocam diante da lógica entre diferença e igualdade, no intuito de superar desigualdades.

É importante destacar que essa pesquisa bibliográfica é relevante na perspectiva de que essas reflexões e discussões iniciais contribuirão nas análises das possibilidades de construção do bem-estar de professores de Matemática em escola indígena na Reserva Indígena de Dourados na cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, no qual esses sujeitos são sujeitos da pesquisa.

Finalizo este artigo com a corroboração de Santos (2006, p. 246) “Temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. In: Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Intercultura: estudos emergentes**. Unijuí: Ijuí, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação & realidade**, Porto Alegre. V. 22, n. 2, p. 15 – 46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidade mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.